

O ESTRESSE COMO UMA DAS CONSEQUÊNCIAS DO ASSÉDIO MORAL NA RELAÇÃO DE CASAL

A violência na vida privada, entre casais é constantemente negada ou banalizada, vista como uma simples relação de dominação. Dentro de uma visão psicanalítica muitas vezes considera-se o parceiro um cúmplice ou até mesmo responsável pela relação perversa. Esta visão nega a dimensão



do domínio que paralisa a vítima e a impede de se defender. Este olhar nega a violência dos ataques e a gravidade da repercussão psicológica da perseguição movida contra a vítima. As agressões são sutis, não deixam vestígios palpáveis e as testemunhas tendem a interpretar os acontecimentos como uma simples relação de conflito ou passional. É uma tentativa violenta de destruição moral ou física do outro, geralmente bem sucedida, de acordo com HIRIGOYEN (2000, p.21).

Existe uma fase de enredamento entre os casais que se instala quando o afeto não flui, falha ou deixa de existir. Ou quando existe uma proximidade excessivamente grande com o objeto amado.

O excesso de proximidade, no caso do assédio moral, pode dar medo. O que existe de mais íntimo é que vai fazer de um dos parceiros da relação o objeto de maior violência. HIRIGOYEN (2000, p.22) assinala que um indivíduo narcisista impõe seu domínio para controlar o outro por temer que o outro estando muito próximo pode invadi-lo. Para comprovar sua onipotência tenta manter com o outro uma relação de dependência, de propriedade. O parceiro mergulhado nas dúvidas e nas culpas não consegue reagir.



A perversão, marcada constantemente pela desqualificação, provoca um desgaste físico-emocional-energético-social que destrói os laços afetivos que restam e anula toda a individualidade e autonomia do outro. A renúncia, a confusão, a dúvida, o estresse, o medo e o isolamento fazem parte do quadro da vítima de assédio moral.

Aceitar a submissão possibilita à vítima não ficar descontente com o outro, acalmá-lo quando está nervoso e esforçar-se para não reagir, mas provoca uma grande tensão interior que é geradora de estresse, de acordo com HIRIGOYEN (2000, p.172).

Diante de uma situação estressante, o organismo reage pondo-se em estado de alerta, produzindo substâncias hormonais, causando depressão do sistema imunológico e modificação dos neurotransmissores cerebrais. De início, trata-se de um fenômeno de adaptação, que permite enfrentar a agressão, seja qual for sua origem. Quando o estresse é episódico e o indivíduo consegue administrá-lo, tudo volta à ordem. Se a situação se prolonga, ou repete-se com intervalos próximos, ultrapassa a capacidade de adaptação do sujeito e a ativação dos sistemas neuroendócrinos perdura. E a persistência de elevadas taxas de hormônios de adaptação acarreta distúrbios que podem vir a instalar-se de forma crônica.

Os primeiros sinais de estresse são, segundo a suscetibilidade do indivíduo, palpitações, sensações de opressão, de falta de ar, de fadiga, perturbações no sono, nervosismo, irritabilidade, dores de cabeça, perturbações digestivas, dores abdominais, bem como manifestações psíquicas, como a ansiedade (HIRIGOYEN, 2000, p.172 e 173).

REFERÊNCIA:

HIRIGOYEN, Marie-France. Assédio moral: a violência perversa no cotidiano. Tradução de Maria Helena Kuhner. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. 224p.

